

□ Tempo de leitura: 5 min.

*“Il pasto nella casa del fariseo” (The Meal in the House of the Pharisee), James Jacques Joseph Tissot (n. Nantes, França, 1836-1902), 1886-1894, aquarela, Brooklyn Museum de Nova York*

*Esta passagem do Evangelho de Lucas, capítulo 11,37-41, nos conta como Jesus, a caminho de Jerusalém, aceita o convite para almoçar com um fariseu. Temos um diálogo que representa um momento de confronto entre duas visões da religiosidade: a formal, centrada nas prescrições rituais, e a do coração, proposta por Jesus.*

À pergunta feita a Jesus sobre porque não segue os gestos rituais da tradição, o fariseu é convidado a ir além das ações exteriores, a verificar se a exterioridade corresponde de fato ao que ele carrega no coração.

### **Jesus aceita o convite sem condições**

Assim como o fariseu, também nós podemos convidar Jesus para a nossa mesa. Sua resposta é surpreendente: Jesus aceita, sempre, sem impor condições. Ele não exige que nossa casa esteja em ordem, não pede garantias sobre nossa coerência. “Ele entrou e pôs-se à mesa” – com esta simplicidade desconcertante, Jesus entra na vida do fariseu, já sabendo o que encontrará, conhecendo as contradições, as sombras, a duplicidade.

Esta é a primeira mensagem libertadora: Jesus não espera que estejamos bem para vir até nós; ele vem para nos ajudar a nos arrumarmos. Não precisamos esconder quem realmente somos para sermos dignos de sua presença. Pelo contrário, é justamente nossa imperfeição que nos torna necessitados do seu encontro.

### **Uma presença que traz clareza**

Mas atenção: se Jesus aceita sem condições, sua presença nunca é neutra ou inofensiva. Jesus entra e traz luz. O fariseu talvez esperasse um convidado complacente, alguém para exibir, para mostrar aos conhecidos: “Vejam, até Jesus vem à minha casa”. Em vez disso, ele se vê desnudado, sem ser humilhado nem constrangido. A presença de Jesus ilumina as contradições, faz emergir o que preferiríamos manter escondido.

Não é uma agressão, é mais como quando acendemos a luz em um cômodo: a luz não cria a poeira que está ali, mas a torna visível. Assim é Jesus: ele não inventa

nossos defeitos, mas, com delicadeza e gradualmente, nos ajuda a vê-los como são. Em poucas palavras, sua presença é um convite para trazer clareza à nossa vida: para olhar com honestidade onde somos autênticos e onde vivemos de máscaras, onde há coerência e onde há uma cisão entre o que parecemos e o que somos.

### **Além das aparências: o chamado à coerência pessoal**

*“Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de ganância e de maldade.”* Jesus não condena as práticas exteriores em si – as ablucções, as orações públicas, a observância –, mas lança luz sobre aquela util e terrível cisão entre exterior e interior, a duplicitade de quem cuida da imagem enquanto negligencia o coração.

É uma tentação que atravessa todos os tempos. Quanta energia gastamos para construir uma imagem aceitável! Nas redes sociais, na vida profissional, até mesmo nas relações mais íntimas: filtramos, selecionamos, mostramos apenas o que nos valoriza. Jesus, ao contrário, chama a uma coerência em um nível muito pessoal, antes mesmo de ser público. Não se trata do que os outros veem, mas de quem realmente somos quando ninguém está olhando. É ali, na intimidade do coração, que nossa autenticidade está em jogo.

### **Uma visão sem zonas de sombra**

*“Insensatos! Aquele que fez o exterior não fez também o interior?”* Há aqui uma profunda intuição humana e espiritual: o ser humano é uno. Não somos divididos em compartimentos estanques – a dimensão pública e a privada, o corpo e o espírito, a exterioridade e a interioridade. Não podemos manter zonas de sombra, áreas da vida subtraídas à luz, pensando que não contaminarão o resto. O convite de Jesus é para uma visão sem zonas de sombra: uma vida na qual não haja cantos escondidos onde cultivamos vícios, egoísmos, duplicitade. Uma transparência interior onde tudo é trazido à luz da consciência e da graça. Isso não significa perfeição imediata, mas honestidade radical: reconhecer nossas fragilidades, chamá-las pelo nome, não as justificar nem as esconder. É o primeiro passo para a cura.

### **A esmola como dom de si**

*“Dai antes em esmola o que está dentro, e eis que, para vós, tudo será puro.”* Aqui está o ápice da mensagem de Jesus. A verdadeira purificação não vem de rituais exteriores, mas do dom daquilo que está dentro. A coerência tem a capacidade de ser portadora de bondade. A palavra “esmola” em grego tem suas raízes na palavra “misericórdia”, compaixão. Não é apenas uma questão de dar dinheiro, mas de doar a nós mesmos: nosso tempo, nossa atenção, nossa presença,

nossa vulnerabilidade.

Quando vivemos essa unidade interior, quando não há mais cisão entre quem somos e quem parecemos, então dessa unidade emana a verdadeira esmola, a autêntica misericórdia: um dom genuíno, não calculado, não instrumental. Não damos para parecer generosos, mas porque a generosidade se tornou quem somos.

### **A sede dos jovens por adultos autênticos e coerentes**

Esta mensagem tem uma ressonância particular hoje, especialmente para as novas gerações. Os jovens vivem imersos em uma cultura onde tudo tem um preço, tudo é calculado em termos de rendimento e utilidade; as identidades são fragmentadas entre mil perfis, máscaras, papéis sociais; as relações são mediadas, filtradas, muitas vezes anônimas ou superficiais.

Nesse contexto, os jovens têm uma sede desesperada de adultos autênticos: pessoas que vivem o que dizem, que não têm um rosto para o público e outro para o privado, que não mentem por conveniência.

Nunca se deve esquecer que os jovens não procuram adultos perfeitos – a esses, eles rejeitam como falsos. Eles procuram adultos verdadeiros: capazes de reconhecer as próprias fragilidades, de ser coerentes nas pequenas coisas do dia a dia, de manter a palavra dada, de ter uma vida interior que transparece. O maior serviço que podemos prestar às novas gerações não é dar-lhes conselhos morais ou regras de comportamento, mas testemunhar uma vida autêntica.

### **O convite permanente**

O fariseu convidou Jesus uma vez. Mas o texto nos revela que Jesus está sempre disponível para ser convidado, hoje como há dois mil anos.

A pergunta para cada um de nós é: estamos dispostos a acolhê-lo, sabendo que sua presença nos colocará diante da verdade sobre nós mesmos? Estamos prontos para deixar que ele ilumine nossas zonas de sombra? E depois: após acolher essa luz, estamos dispostos a viver na autenticidade, renunciando às máscaras, doando aos outros não o que nos sobra, mas “o que está dentro”?

Em um mundo sedento de verdade, ser pessoas autênticas não é um luxo espiritual: é o primeiro ato de caridade que podemos realizar. Especialmente para com aqueles que, como os jovens, têm o direito de ver que é possível viver sem duplicidade, que a integridade não é uma utopia, que a coerência entre o interior e o exterior é o caminho para a verdadeira liberdade.